

Adolescências, diagnósticos, psicofármacos e escola: relatos estudantis em um Instituto Federal

Débora Lima Siqueira

Psicóloga do Instituto Federal de Sergipe (IFSE). Mestra em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP)

✉ deboralimase@gmail.com

Adriana Marcondes Machado

Professora Associada e coordenadora do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP)

✉ adrimarcon@uol.com.br

Resumo:

Este artigo analisa as relações, dificuldades e potências/resistências no percurso escolar de estudantes diagnosticados(as) com transtorno mental na fase da infância/adolescência, no cotidiano vivido no Ensino Médio Integrado de uma Instituição Federal de Educação Profissional e Tecnológica do Estado de Sergipe no município de Lagarto. A partir das peculiaridades e afetações que envolvem a experiência de habitar o território de pesquisa concomitantemente enquanto psicóloga escolar e pesquisadora, buscamos compreender as razões que levaram ao aumento da procura estudantil por atendimentos relativos às questões de saúde mental e por acompanhamento no serviço de Psicologia Escolar do Campus Lagarto nos últimos anos. O estudo se deu a partir da análise de registros do diário de campo e de relatos colhidos em rodas de conversa com grupos com alunos(as) e encontros-entrevistas individuais com ex-alunos(as) que haviam encerrado os estudos há pouco tempo na instituição. Destacamos: as sensações de incompreensão que esses(as) jovens vivem no cotidiano escolar em relação aos seus marcadores sociais de classe, raça e gênero e de assujeitamento a um pensamento meritocrático dominante na instituição; a conexão entre juventude, internet e escola; a sensação de inadequação às expectativas pessoais e institucionais sobre os desempenhos acadêmicos. Os espaços no cotidiano para participação e discussão com os(as) estudantes sobre essas temáticas se mostraram potentes produtores de reflexão que atuam naquilo que muitas vezes é vivido como impedimento da possibilidade de futuro.

Palavras-chave: Educação, adolescência, saúde mental, psicofármacos.

Adolescencia, diagnósticos, psicofármacos y escuela: informes de estudiantes en un Instituto Federal

Resumen:

Este artículo analiza las relaciones, dificultades y fortalezas/resistencias en la trayectoria escolar de estudiantes diagnosticados con trastornos mentales en la infancia/adolescencia, en el cotidiano vivido en la Escuela Secundaria Integrada de una Institución Federal de Educación Profesional y Tecnológica del Estado de Sergipe en el municipio de Lagarto. A partir de las particularidades y efectos que implica la experiencia de habitar el territorio de investigación simultáneamente como psicólogo escolar e investigador, buscamos comprender las razones que llevaron al incremento de la demanda estudiantil por atención relacionada a temas de salud mental y seguimiento en el servicio de Psicología Escolar del Campus Lagarto en los últimos años. El estudio se basó en el análisis de registros de diario de campo e informes recogidos en círculos de conversación con grupos de estudiantes y reuniones-entrevistas individuales con ex alumnos que habían finalizado recientemente sus estudios en la institución. Destacamos: los sentimientos de incompreensión que estos jóvenes experimentan en su vida escolar cotidiana en relación a sus marcadores sociales de clase, raza y género y de sujeción a

un pensamiento meritocrático que domina la institución; La conexión entre los jóvenes, Internet y la escuela; el sentimiento de inadecuación a las expectativas personales e institucionales respecto del rendimiento académico. Los espacios de la vida cotidiana para la participación y el debate con los estudiantes sobre estos temas han demostrado ser poderosos productores de reflexión que actúan sobre lo que a menudo se experimenta como un impedimento a la posibilidad del futuro.

Palabras clave: Educación, adolescencia, salud mental, drogas psicotrópicas.

Adolescence, diagnoses, psychotropic drugs and school: student reports at a Federal Institute

Abstract:

This article analyzes the relationships, difficulties, and strengths/resistances in the academic trajectory of students diagnosed with mental disorders in childhood/adolescence, in their daily lives at the Integrated Secondary School of a Federal Institution of Education of the state of Sergipe, in the municipality of Lagarto. Based on the particularities and effects of living in the research area simultaneously as a school psychologist and researcher, we seek to understand the reasons that have led to the increase in student demand for mental health care and follow-up care in the School Psychology service at the Lagarto Campus in recent years. The study was based on the analysis of field diary entries and reports collected in conversation circles with groups of students and individual interviews with alumni who had recently completed their studies at the institution. We highlight: the feelings of incomprehension these young people experience in their daily school life in relation to their social markers of class, race, and gender, and of being subjected to a meritocratic way of thinking that dominates the institution; the connection between young people, the internet, and school; and the feeling of inadequacy with personal and institutional expectations regarding academic performance. The spaces in everyday life for participation and debate with students on these issues have proven to be powerful sources of reflection that address what is often experienced as an impediment to the possibility of a future.

Keywords: Education, adolescence, mental health, psychotropic drugs.

INTRODUÇÃO

A partir das vivências cotidianas em dez anos como psicóloga escolar de um dos campi do Instituto Federal de Sergipe, o *Campus Lagarto*, alguns incômodos e questionamentos se destacaram enquanto possíveis alvos de estudos. Delineamos como temática de uma pesquisa de mestrado¹ averiguar como, na realidade desse Campus, os diagnósticos psiquiátricos e o uso de psicofármacos afetam o cotidiano escolar de jovens estudantes do ensino médio integrado, modalidade de ensino que atende majoritariamente adolescentes entre 15 e 17 anos de idade.

O que estaria acontecendo, que gera, a cada passar de ano, um aumento progressivo de pessoas que chegam aos serviços de atendimento do campus solicitando algum tipo de

¹ Pesquisa realizada para obtenção do título de Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da USP (2025).

suporte relacionado aos chamados sofrimentos psíquicos em geral, especialmente os que se configuram em torno de diagnósticos psiquiátricos? A necessidade de compreender os atravessamentos que constituem a relação entre o uso de psicofármacos no Ensino Médio Integrado (EMI) e o desenvolvimento da subjetividade desses estudantes tornou-se central a partir daí.

Durante o percurso da pesquisa, o foco da investigação foi o cruzamento entre fatores macropolíticos como classes sociais, o uso de medicamentos, os ditos sofrimentos psíquicos, as instituições (e sua construção histórica) nas quais essas pessoas estão inseridas e as histórias de vida dos(as) estudantes.

Um fator observado pelos(as) profissionais dos serviços de acompanhamento estudantil foi aumento considerável de casos notificados e conhecidos de situações nomeadas como adoecimentos psíquicos no período do isolamento pela pandemia de Covid-19 entre os(as) estudantes mais jovens, em sua maioria adolescentes que frequentam o EMI com curso técnico, modalidade oferecida pela rede dos institutos federais. No retorno às aulas presenciais, isso influenciou a dinâmica escolar e demandou ações coletivas e acompanhamentos diferenciados tanto em relação a aspectos pedagógicos quanto socioafetivos.

A modalidade de ensino chamada de Ensino Médio Integrado (EMI) requer uma atenção especial, pois difere da estrutura básica do ensino público estadual e municipal. O EMI consiste em um ensino médio de três anos, realizado conjuntamente com um curso técnico profissionalizante. Os(as) estudantes inscritos nessa modalidade permanecem durante os turnos matutino e vespertino na escola.

Visando analisar questões cotidianas, institucionais e históricas presentes na produção de situações de sofrimento, o estudo se deu a partir da análise dos relatos colhidos em encontros com estudantes matriculados(as) e egressos(as) saídos há pouco tempo da instituição, em rodas de conversa ou entrevistas individuais, além de diários de observações do cotidiano institucional a partir da perspectiva de profissional trabalhadora daquele território e de análise de pesquisas e dados estatísticos oficiais já disponíveis sobre o IFS e o Campus Lagarto.

Nas análises do que foi produzido em campo, refletimos sobre as relações, dificuldades e potências que surgem no caminho dos(as) estudantes diagnosticados(as) com transtorno mental na fase da adolescência em seu cotidiano escolar no Ensino Médio Integrado.

Demos ênfase às vivências estudantis no percurso do período intitulado como adolescência na nossa sociedade e na relação com a instituição escola a partir de recortes sociais e de experiências dessas pessoas com o tratamento psiquiátrico, o uso de psicofármacos, os estigmas sociais, o acesso à rede de saúde pública e o atravessamento de marcadores sociais de diferença. Essas reflexões pretendem enfrentar a naturalização e os automatismos presentes em concepções articuladas a práticas cotidianas no campo da Educação.

METODOLOGIA²

O método escolhido para esta pesquisa foi a cartografia, mais especificamente aplicada à pesquisa sobre as subjetividades humanas, sistematizado por Gilles Deleuze e Félix Guattari na França, na segunda metade do século XX. Passos, Kastrup e Tedesco (2014) afirmam que o método cartográfico não se define necessariamente pelos procedimentos que adota, sendo, sim, uma atividade orientada por uma diretriz de natureza não propriamente epistemológica, mas ético-estético-política. A característica deste método, de dar passagem a afetos visando compor cartografias que se fazem necessárias, se adequa às necessidades desta pesquisa, na qual entramos em campo compondo com técnicas de entrevista, técnicas de abordagem grupal, análise documental, entre outras ferramentas disponíveis.

Em relação ao tipo de inserção no campo, afirma-se que a cartografia se trata de um tipo de pesquisa-intervenção participativa em que pesquisador(a) e pesquisado(a) tem uma relação de coprodução ou co-emergência (Kastrup e Passos, 2014).

² Esta pesquisa foi aprovada no comitê de ética do IPUSP com o parecer de número 68262223.3.0000.5561, de 12 de julho de 2023.

Para Passos (2019) a cartografia considera a realidade a partir de seu processo de produção, articulando elementos de diferentes naturezas e tendo como diretriz o acompanhamento dos processos de efetuação da realidade. Pesquisa-se nos processos que se dão no mundo, e não *sobre* eles. No nosso caso, conhecemos a partir de uma perspectiva que aborda o território do nosso próprio cotidiano laboral.

A pesquisa foi conduzida tendo em perspectiva os atravessamentos que compõem as adolescências diagnosticadas e medicadas no Campus Lagarto do IFS tendo sido fundamental avaliarmos as particularidades existentes em se pesquisar neste território.

Ao se pesquisar em um local no qual nossa presença tem uma significação prévia e onde certos tipos de laços e acordos já estão estabelecidos e cristalizados, inclusive na forma de compreender o campo, nos apropriar dessa perspectiva de território existencial desafiou uma resignificação e reconstrução da relação com o Campus. Reavaliamos o percurso a partir de cada encontro e de cada experiência. As variações nas relações de força alteravam a complexidade do território existencial.

Consideramos a inserção presencial no campo como um fator fundamental para produção de dados neste tipo de pesquisa. Para tal, essa entrada precisava acontecer a partir de estratégias que contemplassem e dialogassem com os objetivos e com o método da cartografia e os modos de fazer da pesquisa-intervenção. Diante dessas exigências, realizamos entrevistas cujo formato dialogou com a ideia de encontro-entrevista desenvolvida na pesquisa de Oliveira e Machado (2021). Algumas particularidades que orientam a realização dessa etapa da pesquisa de campo, seguindo as diretrizes a partir do texto do autor e da autora:

Qualquer encontro carrega, naquilo que nele se produz, as forças e as intensidades que o constituíram. As perguntas que formulamos em uma entrevista engendram respostas. Não apenas as perguntas, mas o contexto, quem pergunta, o local e o cenário [...]. Apontamos que coletar e analisar as falas de entrevistados sem considerar essas condições, isto é, os elementos heterogêneos presentes naquilo que constitui um pensamento e, portanto, a dimensão produtiva do encontro em que a entrevista se dá, carrega o perigo de reduzir a compreensão do que é dito como algo referente ao entrevistado. Se são as relações de poder e saber nas práticas cotidianas que devem ser interrogadas quando queremos analisar um fato [...] é vital, em uma entrevista, considerar e analisar a comunicação dos entrevistados como efeitos de encontros em que se cria a experiência do dizer – o que é dito e o que é vivido se engendram nesse processo (OLIVEIRA; MACHADO, 2021, p. 418).

Ao considerarmos a ferramenta metodológica das entrevistas a partir de uma perspectiva ético-estético-política da cartografia, decidimos conversar e ouvir as narrativas de pessoas que fizeram parte do convívio cotidiano da escola como estudantes. Em um primeiro momento, entramos em contato com estudantes egressos(as) que haviam se formado há, no máximo, cinco anos e cujas trajetórias foram acompanhadas pelo serviço de Psicologia. Entre esses(as), a maioria foi diagnosticada no percurso do Ensino Médio e muitos(as) fizeram uso de medicamentos psiquiátricos também nesse período.

Em relação às entrevistas individuais, justifica-se a escolha por entrevistar individualmente alunos(as) egressos(as) do Instituto por termos achado importante ouvir relatos de alguns(mas) alunos(as) da instituição que viveram crises, usaram medicamentos, receberam diagnóstico e que haviam sido acompanhados pela nossa equipe durante o período em que estudaram no EMI.

A proposta, ao reencontrar e conversar com esses(as) estudantes considera a experiência vivida durante esse tempo na função de psicóloga do IFS. A necessidade de integrar essas narrativas na pesquisa, assim como de reencontrar esses(as) estudantes e acompanhar como se deu para eles(as) a dinâmica de crescer e vivenciar a vida escolar paralelamente a um diagnóstico psiquiátrico e tudo que vem junto disso, foi fundamental na escolha do método. Assim como, consequentemente, através dos relatos pudemos acompanhar alguns desdobramentos dessas experiências relativas à saúde mental durante os anos no IFS nos caminhos que esses/as estudantes percorreram durante os anos seguintes ao ensino médio, e na vida atual desses/as jovens.

Esse(as) estudantes optaram por participar através de inscrição por demanda espontânea, com ampla divulgação do tema do grupo de discussão entre os(as) estudantes do Ensino Médio dos quatro cursos do campus Lagarto. Além das entrevistas com ex-alunos(as) realizamos duas rodas de conversa que aconteceram no espaço físico do Instituto, com estudantes matriculados: uma se deu em 2022 e, outra, em 2023. Esses(as) estudantes tiveram experiências diferenciadas de ex-estudantes que haviam cursado o Ensino Médio antes de 2020 e, portanto, antes da pandemia de COVID-19.

A partir dos encontros entre pesquisadora e alunos(as), e pesquisadora e grupos, buscamos construir um trabalho que possibilitasse a montagem de uma *colcha de retalhos* das

impressões sobre questões de saúde mental na escola, das reflexões sobre o uso de medicamentos psiquiátricos e de relatos de experiências pessoais relativas a essa temática que surgiram nos encontros.

Os materiais produzidos nos encontros em grupo, nas entrevistas, nas observações, e o contato com documentos institucionais foram analisados a partir dos temas que apareceram. Isso é, estudamos esse material e, inspirados em Bardin (2010), reorganizamos o material dando ênfase ao conteúdo dos enunciados, aprofundando, assim, a reflexão sobre os temas elencados. Importante ressaltar que mantivemos em nosso procedimento os cuidados para sustentar a complexidade presente nas temáticas. Isso requereu um intenso trabalho de reescrita para estarmos atentas aos momentos em que a palavra escrita tendia a generalizações e abstrações que produzem reducionismos nas análises, como discute Machado (2023).

As experiências no território produziram percepções que, registradas, tornaram-se material de análise desta pesquisa. Buscando elementos que pudessem dar suporte à dissertação e às análises, utilizamos o diário de pesquisa como parte integrante e fundamental do processo de organização e produção dos dados de campo. Decidimos incluí-lo adaptado e de forma analítica na versão final do trabalho, com a insígnia de *diários de corpo*. Sobre o uso de diários durante a pesquisa, Hess (2009, p. 79) pontua:

O cotidiano do pesquisador, como aquele do docente, ou mesmo da maioria das pessoas, faz passar de uma coisa à outra. O pensamento, ele mesmo, passa por fases múltiplas onde reflexões práticas alternam com reflexões teóricas. Os encontros, as leituras se sucedem umas às outras em função de tudo o que ocorria a atualidade pessoal ou social (leitura dos jornais, a investigação no terreno, a visita a livrarias, a confrontação com colegas, a participação nas conferências etc.). A escrita do diário permite coletar de vez em quando no vivido do dia a dia ‘instantes’ que se vivem e que nos parecem trazer neles uma parte de significado.

Os diários de corpo/campo e as transcrições dos relatos das rodas de conversa e das entrevistas subsidiaram as análises.

RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

A lógica institucional meritocrática e universalista, entre outros hábitos e costumes etno e eurocêntricos, atravessa a prática da Psicologia nas instituições de educação. É preciso estarmos sempre atentos(as) a essas *armadilhas epistemológicas*. O contato com teorias que questionam essa racionalidade tradicional se tornou fundamental na manutenção dessa atenção.

Alguns fenômenos que antes passavam despercebidos quando alguns debates não haviam ganhado presença em certos espaços acadêmicos, hoje estão na pauta e escancaram o jogo de forças socioculturais que atravessam a vida dos(as) estudantes, como por exemplo a questão racial. A partir desse olhar foi possível dar relevo a nuances colonialistas nas relações intraescolares que anteriormente eram definidas como *bullying* ou problemas individuais de alguns(mas) estudantes. Com a aquisição desse repertório crítico, foi possível compreender que, a depender da condição de classe e etnia do(a) aluno(a), há variação nas interações dirigidas a ele(a) desenvolvidas no processo educativo.

Um outro aspecto que chamou a atenção no retorno ao cotidiano escolar, após a pandemia, é que as práticas submetidas a processos de medicalização da existência têm se presentificado de maneira exponencial. Cada vez parece mais comum que as situações relacionadas a questões de saúde mental sigam completa ou parcialmente o seguinte fluxo: estudante tem crise, chama-se a família do(a) estudante, indica-se atendimento psiquiátrico, medica-se, esses(as) estudantes voltam quietinhos(as) e controlados(as) e conseguem terminar os estudos no EMI. A hiperconectividade juvenil após a pandemia popularizou discussões e falas relativas a questões de saúde mental.

Nas rodas de conversa de 2022 e 2023, percebemos uma intimidade dos(as) alunos(as) que estavam frequentando a escola com termos técnicos psiquiátricos, antes pouco presentes no cotidiano escolar, e o interesse em ampliar o repertório acerca desses temas. Por vezes, estudantes procuravam os setores de acompanhamento estudantil para buscar informações acerca de algum diagnóstico.

Paralelamente a esse contexto de grande acesso a informações sobre processos de sofrimentos psíquicos e suas categorizações técnicas, temos lidado com sucessivas situações de automutilação na escola. Discursos com ideação suicida também se tornaram presentes em

uma parte considerável dos acompanhamentos estudantis em Psicologia realizados durante o ano. Curiosamente, nos atendimentos após esses episódios, muitos(as) desses(as) estudantes afirmam sentirem no IFS um lugar acolhedor, e afirmam não querem evadir da escola.

Entre crises de ansiedade e crises de identidade, entre o medo do desempenho nas provas e o medo do que o futuro reserva para eles(as), entre o deslumbramento de descobrir um mundo novo e o pavor de se verem diante do desconhecido, a vida acontece. O que surgiu nos acolhimentos escolares, entrevistas e nas falas das rodas de conversa, nos ofertam pistas. Estaríamos diante de uma *geração*³ de adolescentes que apresenta pouca perspectiva de futuro, diante de um mercado saturado com ascensão da uberização e precarização dos empregos em detrimento de empregos formais com direitos trabalhistas.

Nos subitens seguintes iremos trazer alguns dados produzidos nas idas anuais ao campo durante a licença, nas rodas de conversa, nos encontros-entrevistas e no cotidiano profissional em 2024. Ilustraremos a partir de alguns dos relatos que mais se destacaram, separados por temas, que surgiram durante os encontros coletivos e individuais e no próprio cotidiano de trabalho-pesquisa do ano do retorno às funções de psicóloga escolar.

A Escola e o além da escola.

Há uma complexa teia que forja um(a) estudante adolescente do Ensino Médio viver situações de sofrimento psíquico. Investigar o cotidiano institucional escolar em que estas pessoas estão inseridas nos dá pistas importantes sobre os caminhos que um processo de adoecimento percorre até chegar a causar danos profundos na vida de uma pessoa.

O período no qual nos encontramos com os(as) estudantes com os(as) quais conversamos na pesquisa, iniciou-se pouco após um período crítico da pandemia de Covid-19. Prado e Felipe (2023), em sua pesquisa acerca do sofrimento psíquico, educação escolar e juventude no contexto histórico atual, utilizam como base para sua discussão a segunda edição do Atlas da juventude organizado por Barão e colegas (2021) que traz em seus resultados algumas das consequências dos momentos que se seguiram ao período oficial de isolamento social. Eles afirmaram que foram profundas as consequências com que a

³ Considerando geração como um grupo de pessoas que nasceram e viveram em um mesmo período.

sociedade brasileira hoje se defronta por conta de diversos fatores que surgiram ou foram intensificados após a pandemia. Alguns deles seriam: “[...] o aprofundamento das desigualdades sociais e seus efeitos sobre a saúde mental, a segurança alimentar, o processo educativo, a vida profissional e econômica de jovens, além da instabilidade política no país” (BARÃO, 2021, p. 4).

Houve muitos relatos sobre situações de isolamento e dificuldade de interação com a coletividade dentro da própria escola, possivelmente derivados da vivência desse período de isolamento social durante uma fase da vida com destacada importância em termos de profundas mudanças, aprendizados, dúvidas. Um exemplo foi a fala da estudante Liz, diagnosticada pouco antes da pandemia:

E- O que você faz quando se sente assim? [isolada na escola] L - Eu choro. E- Mas você procura alguém para conversar? L- Não, só o coordenador sabe [do diagnóstico dela] por conta do que aconteceu antes, ele me chamou para conversar com meu namorado, e meu namorado acabou contando, e minha mãe também, porque na pandemia teve uma época que eu não consegui assistir as aulas, porque eu tive uma crise muito forte. Aí eu precisei me afastar um pouco das redes sociais. Aí minha mãe teve que avisar ele, entrar em contato, aí ele sabe por isso. E- Mas já teve algum contato da escola com você em relação a isso? L - Teve, teve. E- O que foi feito? L- Ele queria me passar para conversar com você. Só que eu escolhi que não queria (Entrevista com Liz).

Um fator que surgiu de uma forma intensa como um marco geracional desses(as) adolescentes que se encontram na escola atualmente, foram as questões relacionadas à interatividade, internet e redes sociais na escola. Nobre e colegas (2024) enxergaram essa aceleração da ampliação das relações através de ferramentas digitais como um efeito da pandemia, enfatizando que as restrições sanitárias exigiram que as relações sociais, familiares e de trabalho passassem a ocorrer exclusivamente nesse formato e que houve um estado de exclusão digital de parcela significativa da população.

Atualmente, as problemáticas que surgem no ambiente da internet tornaram-se tão intensas quanto as questões e os problemas ocorridos nas relações presenciais dentro da escola. No último ano da pesquisa, por exemplo, tivemos na escola mais de uma situação de vídeos problemáticos produzidos por estudantes que envolviam apologia ao racismo, ao *bullying*, à homofobia, entre outras. Para exemplificar como essa questão surgiu nas falas dos encontros, temos os relatos de duas estudantes que estavam nas rodas de conversa:

Aluna 1 - Tem um menino daqui do IFS, por exemplo, que ele diz que gosta de respeitar as mulheres, diz: ah, você tem que ser um homem bom, você tem que respeitar as mulheres. Só que se você for parar para conversar com ele, vai ver que

ele é uma pessoa totalmente diferente do que ele é no Instagram. Se você encontrar ele aqui no IFS, ele não está nem aí. Se a mulher faz alguma coisa, ele chama de *puta*. Ele fala um monte de coisa. Por isso que eu digo: o Instagram é totalmente diferente da vida real (Roda de conversa).

Aluna 2 - Tem um Instagram de fofoca daqui, e saiu uma história minha que é mentira e que eu não tinha como provar que era mentira. E tipo, saiu essa história numa segunda. Quando eu cheguei aqui na quarta, muitas pessoas chegaram em mim, pessoas que eu nem conhecia, chegavam e falavam: você estava fazendo isso? e eu falava que era mentira. E aí até hoje falam. Ontem mesmo, eu estava passando pelo banheiro e tinham duas meninas que, na hora que eu passei, elas olharam e uma falou um negócio para outra e elas começaram a rir e, obviamente, era de mim (Roda de conversa).

As relações dentro da escola se constroem enredadas ao funcionamento social. Ela é campo efervescente de disputas ideológicas e de poder. Em relação aos(as) estudantes que apresentam alguma problemática relativa à saúde mental, coexistem, no campus Lagarto, diferentes posturas partindo dos(as) servidores(as) da instituição. Após a recente popularização do debate psiquiátrico no senso comum, muitos(as) docentes e técnicos(as) administrativos(as) que antes eram avessos(as) à adoção de quaisquer cuidados institucionais ampliados, relativos a questões de saúde mental, hoje abrem espaço para uma discussão interdisciplinar sobre o tema. No entanto, para que adaptações ocorram, muitas vezes se faz necessária uma série de exigências burocráticas para *comprovação* do diagnóstico. Tornando o processo burocratizado e gerador de mais sofrimento para quem busca acolhimento.

Alguns(mas) profissionais verbalizaram que estudantes que têm certos tipos de necessidades especiais, pelo fato de não conseguirem acompanhar algumas tarefas da forma habitual, não poderiam estar cursando uma instituição como o IFS. Para Tsunematsu, Pantoni e Versuti (2021) o EMI é visto por uma parte dos(as) discentes a partir de uma lógica meritocrática potencializada pela lógica institucional.

O modelo vigente de educação neoliberal segue uma lógica individualizante na qual o(a) professor(a) teria que, por si só, buscar capacitações para lidar com as exigências cotidianas. Existem poucas iniciativas institucionais que produzam reflexões sobre as situações que se materializam nas relações entre docentes e discentes, sendo que a maioria delas costuma preconizar cuidados que isentam o funcionamento da instituição e da sociedade de responsabilidade.

Relatos estudantis sustentaram o ponto crítico de tensão que existe na escola entre professores(as) e alunos(as). As falas que se seguem são algumas das mais marcantes, porém não as únicas que surgiram nas rodas de conversa:

Aluna 1 - É, eu queria falar um negócio que quem é aluno do curso X vai saber, de uma história que teve. Teve um dia que veio uma professora que simplesmente chegou e falou: vocês são a pior turma do IFS. Vocês quando forem prestar um vestibular não vão conseguir porque vocês são a pior turma. E isso, querendo ou não, não sei para outras pessoas, mas isso ficou na cabeça, poxa será que por minha turma ser bagunceira eu não vou conseguir ter um futuro por causa disso? (Roda de conversa).

Aluna 2 - Na segunda-feira, o professor falou uma coisa. Eu realmente preciso de ponto na matéria dele, porque é uma matéria que eu tenho muita dificuldade, eu não consigo aprender de jeito nenhum. Numa aula que eu fiz uma recuperação dele valendo a recuperação da terceira nota, eu falei pra ele que eu tinha muita dificuldade. Na outra segunda-feira, eu falei: professor posso ir ao banheiro? Ele disse: vá, mas depois, na recuperação, não volta chorando, pedindo ponto para eu te passar. Aí eu fiquei pensando: poxa eu tentando me esforçar tanto na matéria do senhor para poder passar, e o senhor faz isso, eu estou me esforçando tanto pra passar e ter um futuro bom e eu tenho medo de não conseguir passar nele, de reprovar [aluna chora] (Roda de conversa).

A intelectual estadunidense bell hooks (2017, p. 248) aponta para um fato importante: “professores(as) não podem capacitar seus estudantes a abraçarem as diversidades de experiências, pontos de vista, comportamento ou estilo se sua própria formação não os capacitou, se ela os socializou para administrar com eficácia um único modo de interação baseado nos valores da classe média”.

Dentro dessa lógica institucional, segundo hooks (2017), hábitos e traços associados à pertença às classes inferiores como: falar alto, demonstrar raiva, expressar emoções com intensidade e até algo inocente quanto uma gargalhada seriam coisas consideradas inaceitáveis por alguns(mas) docentes, vistas como perturbações na ordem social da sala. Ainda para hooks (2017, p. 237), a única forma de alguém progredir academicamente quando não provém de um grupo social privilegiado, seria adotar uma conduta semelhante à de tal grupo. Assim, “*Os alunos ainda precisam assimilar os valores burgueses para serem considerados aceitáveis*”.

Na primeira roda de conversa, alguns estudantes trouxeram relatos que sinalizam condutas que podem ser associadas a esse tipo de discriminação por parte de professores(as):

Aluno 3 - Esse professor acha que ele é superior a todos os alunos. Ele acha que todos os alunos não têm nenhuma opinião inteligente assim, igual a dele, que vai chegar aos pés das dele. A prova dele é muito difícil, ele faz *terror psicológico*. Eu tenho uma amiga, que é do segundo ano, ela é muito esforçada. Todo dia no horário certinho, ela está na sala sentada na primeira carteira e tudo. E simplesmente ela chegou um dia no seminário dele e ele disse a ela que ela não ia conseguir nada, que ela não era capaz, e ela se sentiu muito mal, porque pelo que eu conheço dela, ela só tira notas boas, ela se esforça, mas para esse professor nada está bom, nada vai chegar aos pés dele. E isso, querendo ou não, afeta muito o aluno (Roda de conversa).

A escola se constitui como um local onde costumam surgir os primeiros questionamentos acerca de temas que são naturalizados no senso comum. Questionar ideias pré-concebidas sobre sexualidade, binariedade de gênero, relações étnico-raciais e a desigualdade de classes, acontece com frequência na experiência escolar do(a) adolescente. As relações escolares, nesse contexto, são importantes para promover a saúde mental dos(as) alunos(as), pois a escola surge como o primeiro espaço onde a pessoa sente que pode se expressar livremente. Isso pode explicar por que alguns(mas) estudantes, apesar de não se saírem bem nas disciplinas, ainda assim sentem a escola como um espaço de liberdade, um lugar onde podem exercer sua humanidade, sonhar em ser algo diferente daquilo que suas realidades sociais definiram para suas vidas. Alguns relatos estudantis reforçaram essa importância:

E- Como que você definiria o que foi estudar no IFS para você? C- Faz sentir abrigo. Tinha vezes que eu vinha para o IFS, mesmo quando não tinha aula só para poder ficar em casa, para fugir da realidade da minha casa também. E quando eu me lembro do IFS, eu me lembro disso, eu me lembro de abrigo, de casa, de novas oportunidades, de novas janelas, de um novo mundo, de uma bagagem que eu possa ir para onde eu quiser, entendeu? (Entrevista com Cleo)

Aluna 1 - Eu prefiro estar no IFS que estar na minha casa, por exemplo, hoje de tarde não temos aula e eu vou ficar aqui, porque se eu voltar pra minha casa eu tenho a sensação de que, eu vou fazer o que na minha casa (Roda de conversa).

Entre os fatores que surgiram como intensificadores de preocupações e/ou sofrimentos psíquicos dos(as) estudantes do IFS que participaram da pesquisa, estão as condições financeiras e o quanto a escola pode ser um espaço a partir do qual podem construir condições para uma sobrevivência digna no futuro.

A pressão cotidiana na experiência estudantil no IFS e tudo que isso envolve, reflete em prejuízos à saúde mental desses(as) adolescentes e na ocorrência de crises emocionais intensas dentro da escola. Isso faz com que o IFS, enquanto instituição, espere da equipe de

Assistência Estudantil, especialmente da Psicologia escolar, soluções rápidas e eficazes diante dessas crises. Sobre isso Saggese (2021), em sua pesquisa, afirma:

O sucesso e bem-estar também são obrigatórios e as crianças devem ser preparadas para alcançá-los. Os adolescentes devem passar incólumes por todos os riscos da descoberta, de um mundo mais vasto do que aquele que conheceram sob a supervisão dos pais. As escolas estão obrigadas a cuidar que as crianças e jovens não só aprendam, mas que sejam saudáveis, livres, e, no entanto, disciplinados. Uma legião de especialistas está de plantão para socorrer professores e pais quando as coisas ameaçam sair de controle: médicos, psicólogos, psicanalistas, fonoaudiólogos – interrompemos a lista sem esgotá-la (Saggese, 2021, p. 6).

Assim como relações com docentes e situações institucionais surgiram nos relatos de sofrimentos vivenciados pelos(as) alunos(as), a dificuldade de interação com seus pares estudantes é um fator que não pode ser desconsiderado. Situações de isolamento, dificuldades de interação e socialização, importunações das mais diversas, fragilizaram e seguem fragilizando esses(as) jovens, desde antes da pandemia.

Em entrevista com a egressa Maísa, ela reforçou a ideia de que as relações entre alunos(as) e professores(as) são bastante complexas, não podendo ser classificadas através de uma ótica polarizada, onde uns seriam os mocinhos e os outros vilões. A egressa narrou na entrevista algumas situações que aconteceram dentro da escola, nas quais professoras expressavam solidariedade de gênero, e que isso foi de grande importância no fortalecimento da sua autoestima e no desenvolvimento do seu percurso acadêmico.

Diagnósticos, psicofármacos e produção de subjetividades estudantis

A expressão saúde mental convida que todas as pessoas tenham algum conhecimento, ainda que equivocado ou superficial, sobre o tema. A partir dos relatos e das experiências de estudantes do campus Lagarto, como poderíamos pensar na produção de subjetividade em relação aos diagnósticos cada vez mais frequentes e realizados sob condições problemáticas? Como isso se reflete no aumento que temos percebido na procura pelo serviço de Psicologia, entre outras formas de cuidados possíveis dentro do campus, especialmente no EMI? O aumento do acesso ao vocabulário diagnóstico tem, segundo Saggese (2021) reduzido nossas compreensões sobre o processo de adolescer e gerado respostas que rotulam as dores nesse processo como doença.

Processos de medicalização e patologização da existência humana acontecem tanto nas classes mais vulneráveis economicamente quanto nas mais abastadas. O que varia são as formas com que esses diagnósticos são definidos e as opções terapêuticas disponíveis para cada paciente. Isso inclui os tipos de medicação e os efeitos colaterais destes. Como afirma Saggese (2021), enquanto os ricos tomam remédios de ponta com menos efeitos colaterais, os pobres tomam medicamentos já *ultrapassados* que tendem a ter mais efeitos colaterais.

Ao observarmos os relatos acerca do processo de busca de atendimento relativos a sofrimentos psíquicos ou transtornos mentais na rede de saúde de Lagarto (SE), percebemos um roteiro que se repete: consultas que demoram muito tempo para serem agendadas. Quando finalmente conseguem um atendimento, essas pessoas se deparam com consultas rápidas de menos de 30 minutos, salvo algumas exceções.

Mais de uma vez, acompanhamos estudantes que estavam tomando medicamentos que aparentemente não eram adequados ao seu caso. Já aconteceu mais de uma vez de estudantes estarem usando medicamentos que são contraindicados para pessoas menores de 18 anos. Bem como, alguns(mas) estudantes que relataram, após o uso de remédio por meses, que não sentiram mudança alguma ou estão piores nos sintomas que descreviam no período em que buscaram o diagnóstico. Alguns relatos sobre essa problemática:

Aluna 1 - Eu acho que é uma opinião meio diferente, eu tive a experiência de tomar medicações e eu acho que realmente é uma solução muito boa quando você está em uma situação muito ruim. Porém, eu acho que é a última opção assim para você. Se você sente alguma coisa precisa tentar ao máximo procurar outros meios, porque a medicação, ela me atrapalha em todos os âmbitos da minha vida. Por exemplo, assim no início quando eu comecei a tomar remédio eu melhorei muito, absurdamente, mas depois como ela falou [outro relato anterior] sobre sertralina, sobre a pessoa mudar, quando eu tomava, eu já tomei sertralina⁴, e quando eu tomava me sentia uma pessoa totalmente *neutra*. Eu não sentia nada, tipo, eu não sentia. Eu perdi a empatia. Eu não conseguia sentir, não conseguia gostar de alguém. Eu acho que isso atrapalha muito, eu me sinto totalmente sequelada por conta dos remédios. E sinto que isso vai me atrapalhar pelo resto da minha vida (Roda de conversa).

Aluna 2 - Eu estou no ensino médio e acaba que eu não consigo estudar direito. Eu esqueço muita coisa que eu estudo, eu estudo e eu esqueço e isso me atrapalha muito. E- Você acha que tem a ver com o uso do remédio? Aluna 2 - Isso, é isso (Roda de conversa).

Frequentemente a descrição que estudantes nos fizeram, da consulta que conduziram aos seus diagnósticos, apresentavam procedimentos que geraram estranheza. Relatos

⁴ Esse medicamento apareceu com bastante frequência entre os utilizados por adolescentes do *campus*.

reforçam as dificuldades relacionadas ao manejo de problemas relativos à saúde mental nas cidades do interior:

L- É, porque para fazer acompanhamento com a psicóloga no posto é muito concorrido, é pouca vaga. Eu só fiz acompanhamento com o psiquiatra. E- Ainda faz? L- Não. E- Então você está tomando medicação sem acompanhamento? L- Tô, porque, assim, quando eu vou para o posto, ela já tem lá os papéis que eu tomo remédio, daí ela só faz outra ficha, eu vou lá e pego o remédio, entendeu. E- Com o médico? L- Sim, a médica lá do posto. Ela pega e vê o papel, aí ela vai e registra outro papel da receita. Aí eu vou e pego o remédio. Só que teve uma época que eu tomava só uma cartela, só um comprimido por dia. Só que eu estava muito mal ainda, aí minha mãe voltou lá, ela passou dois, agora eu tomo dois comprimidos por dia. E- Então você está tomando esses dois, mas sem o acompanhamento psiquiátrico? L- Sim. (Entrevista com Lia).

A fala acima reflete uma realidade comum entre estudantes do IFS. O(a) psiquiatra geralmente aceita como verdade qualquer diagnóstico prévio, sem questionamento ou reavaliação. Se houve erro diagnóstico na primeira vez, esse erro provavelmente perdurará. Havendo exceções, essa é a realidade comum nos serviços públicos de saúde do interior sergipano, nos quais geralmente os atendimentos médicos são condensados em um único dia na semana.

Nesse dia de atendimento, costuma-se reunir uma quantidade enorme de pacientes em consultas muito mais rápidas do que consultas em consultórios particulares das capitais. Uma parte considerável dos casos de familiares de alunos(as) que utilizavam remédios psiquiátricos, segundo os relatos, nunca chegou a ir a um psiquiatra. Por exemplo, uma mãe de estudante que toma Rivotril há vários anos, recebeu a indicação do clínico do posto de saúde, e desde então apenas renova.

Estudantes que vivem em povoados ou cidades pequenas, como os(as) do campus Lagarto relataram preconceitos que enfrentam no cotidiano em relação aos diagnósticos. Segue exemplo:

Aluna 2 - Eu acho que muitos transtornos não são tratados porque muitas pessoas tentam esconder para si mesmo, muitas pessoas tentam esconder para as outras. Porque, na maioria das vezes, a sociedade trata a pessoa como louco. 'Ah, fulano é louco porque tem depressão e que tentou se matar'. Tem vezes que a pessoa fica sem comer, a pessoa emagrece demais. Aí fala: 'ah, fulano não come direito por causa de manha⁵ de depressão!' muitas pessoas veem isso como se fosse uma frescura, eu

⁵ Palavra utilizada em Sergipe, especialmente pelos mais velhos do interior, com o sentido de “capricho” ou “afetação”.

acho. Eu pensava assim, acho que muitas pessoas não falam que tem [transtorno] por conta disso.

O uso de psicofármacos pode surgir como única opção aparente num contexto de uma rede de saúde que não funciona, de uma família que não consegue estabelecer uma rede de apoio por estar imersa em problemas para sobreviver, da ansiedade frente a ideações suicidas frequentes e da dificuldade de encontrar profissionais de cuidado implicados(as). De certa maneira, é muito comum que, inclusive profissionais que tecem análises críticas sobre processos de medicalização da vida, acabem caindo na teia da psiquiatrização como única possibilidade imediata de suporte, em situações que envolvem ideação suicida por exemplo. Sobre isso, Saggese (2021) aponta:

Tornou-se regra no estamento médico enquadrar os adolescentes que se cortam, falam sobre suicídio ou tentam o suicídio como portadores de transtornos mentais. Não podemos negar que, em alguns casos, exista a possibilidade de um diagnóstico psiquiátrico. Mas, na maioria das ocasiões, podemos pensar em atos ou falas desarrazoadas [...]. Essas falas ou atos não deixam de ser dignas de atenção e cuidados. Pelo contrário, a expansão desses eventos nos jovens causa preocupação e indicam um profundo mal-estar no adolescer contemporâneo (SAGGESE, 2021, p. 2).

Apesar dessa lógica simplista de que os transtornos mentais seriam patologias equivalentes às fisiológicas estar entranhada na sociedade como um todo, esse *boom* de diagnósticos e uso excessivo de medicamentos não atravessam a escola sem haver questionamentos e críticas. Relatos que problematizaram a forma com que se tratam as questões de saúde mental na atualidade surgiram em grande número, especialmente, entre quem faz uso de medicamentos psiquiátricos ou convive com quem usa.

Atravessamentos de raça e gênero no cotidiano escolar

Segundo dados apresentados pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do IFS (NEABI-IFS) durante a Jornada Pedagógica de início de ano letivo realizada em fevereiro de 2024, cerca de 70% dos(as) alunos(as) do IFS se autodeclararam negros(as)⁶. Entretanto, quando se pesquisa o alunado do IFS, geralmente é neutralizando a questão do pertencimento étnico-racial. Em sua pesquisa Raquel Mendes (2019) conclui que existem poucas reflexões

⁶ Categoria do IBGE que engloba autodeclarados pretos e pardos.

sobre o tema no instituto, para além da intencionalidade documental. Diante disso, a autora atenta para um importante fato:

A inquietação se faz ao pensar como uma instituição como o IFS, que traz na sua história a marca de eclodir voltada para atender à população historicamente excluída, dentre a qual se incluem ex-escravizados e seus descendentes, por exemplo, não ter uma discussão e política avançada voltadas para essa população? (MENDES, 2019, p. 98).

Durante as rodas de conversa e encontros-entrevistas da pesquisa e durante o trabalho cotidiano do IFS, observamos que a sensação de inadequação e não-pertencimento ao IFS ocorria, na grande maioria dos casos, em estudantes mulheres, negros(as) e em maior situação de vulnerabilidade financeira. Se a pessoa tivesse duas ou mais dessas características, concomitantemente, essa chance aumentava ainda mais. Como vemos no relato da egressa Maísa, uma egressa negra e oriunda das classes populares:

Eu lembro que a primeira vez que eu pedi atendimento com você, foi em 2016 isso, foi quando eu queria ir embora, que disse eu vou desistir do IFS, não vou ficar aqui porque é muito pesado. Eu acho que eu não sou capaz de ficar aqui. Acho que eu não vou dar conta. É mais fácil voltar pro ensino fundamental ou pro ensino regular, né? Enfim, pra uma escola estadual, porque lá pelo menos é só algumas matérias. Detalhe: eu fazia redes mas eu só sabia entrar em redes sociais, não conhecia outros funcionamentos de computadores. E meu curso sempre foi muito centralizado em meninos. E os meninos sabiam tudo.

Para Martins, Lima e Santos (2020), o adoecimento da mulher negra é resultado direto de um adoecimento social e coletivo. O branco é colocado como representação do sucesso, da beleza e do poder e, ao negro, imprime-se uma imagem negativa. As políticas afirmativas que visam atenuar desigualdades são vistas como protecionistas. Dito isto, buscamos acessar as particularidades que esses corpos femininos racializados vivenciam no processo educacional.

Das quatro pessoas que participaram dos encontros-entrevistas individualmente, duas relataram experiências diretas com racismo. Sobre esse racismo que opera no espaço escolar Patto (1992, p. 108) ressalta processos históricos de segregação e discriminação que culminaram na crença de que “as crianças das chamadas minorias raciais não se saíam bem na escola porque seu ambiente familiar e vicinal impediria ou dificultaria o desenvolvimento de habilidades e capacidades necessárias a um bom desempenho escolar”.

Foram frequentes falas que remetiam a tentativas de descredibilização das capacidades intelectuais de estudantes negras, das mais diversas formas e sob os mais

absurdos argumentos. Foram comuns ainda relatos de experiências que exprimiam a baixa autoestima intelectual que lhes foi incutida pelo sistema educacional desde cedo e segue se reproduzindo nas experiências com o Ensino Médio e Técnico. Outro aspecto que se apresentou nas narrativas foi o fato dessas jovens, muitas vezes, demonstrarem uma valorização extrema do espaço acadêmico como única forma de ascensão social de uma família inteira. À proporção que isso toma na vida da estudante negra costuma ser muito intensa, pois muitas delas foram socializadas para serem arrimo de família. Vide os exemplos de duas entrevistadas negras com quem conversamos:

M- Eles não sabem. Eu sou a do meio de quatro irmãos, meu irmão mais velho é deficiente auditivo e ele teve meningite. Então, ele mesmo sendo mais velho, minha mãe sempre dava muita atenção pra ele. O meu segundo também sempre demandou muita atenção. Aí tinha a mais nova, que é bem mais nova. Então, eu era a filha que o trabalho que eu pudesse não dar, eu deveria não dar. Eu nunca cheguei a precisar um psicólogo, porque eles não faziam ideia do que eu sofria (Entrevista com Maísa).

E- Você faz algum tipo de acompanhamento? L- No momento não, por conta das condições... Financeiras. É, porque para entrar, para fazer acompanhamento psicológico, com o psicóloga lá no posto é muito concorrido, é muita vaga. E- Mas no CAPS chegou a tentar? L- Não, não por achar que não preciso, por achar que tem pessoas que precisam mais do que eu (Entrevista com Liz).

A violência estrutural do racismo, que permeia a cultura, as relações e instituições deste país impacta diretamente e profundamente na saúde mental das pessoas negras. Quando pensamos especificamente no caso das mulheres negras, esse impacto se torna mais intenso. Na vida das estudantes negras, esse processo de prejuízos emocionais se intensifica, acumulando as opressões raciais e de gênero.

Uma das alunas participantes da pesquisa, relatou que seus problemas de saúde mental se iniciaram quando sofria *bullying* intenso no Ensino Fundamental. Ao ser questionada sobre o teor dessa importunação sistemática, ela afirmou que era chamada de *neguinha, feia e estranha*, durante todo período em que frequentou a escola. Esses episódios ocorridos no local em que residia, um povoado de Lagarto (SE), fizeram com que saísse praticamente *fugida* para o IFS no Ensino Médio. Isso que ela denominava *bullying*, era, de fato, racismo.

A busca pelo setor de Psicologia por alunas negras se dava muitas vezes por conta de dificuldades no processo de aprendizagem, não necessariamente da capacidade delas em

aprender, mas devido à ansiedade por não se sentirem capazes de se igualar aos(às) demais estudantes.

A fala da egressa Maísa aparenta atribuir um valor diferenciado ao fato de passar na prova do IFS sem ser pelas cotas raciais, buscando um status de igualdade com os demais colegas, refletindo os discursos de desvalorização do mérito do(a) estudante cotista que circunda nos espaços acadêmicos em geral:

E- Você sempre foi assim exigente com você mesma? M- Sim. Eu não tinha condição nenhuma de concorrer com alunos do GENSP⁷. Porque, por exemplo, no ensino fundamental eu não tinha aula de geografia, eu fui conhecer geografia no IFS. Eu fiz muito na sorte, também vendo vídeo no YouTube e tal. No fim, eu fiz a prova e passei. Eu não me inscrevi nas cotas, porque eu sempre tive muita preguiça de ir buscar documentos. Só que na ampla concorrência, eu ia concorrer com aquela galera do GENSP, mesmo assim eu fui. E eu lembro que passei em terceiro lugar (Entrevista com Maísa).

Histórias de micro violências (ou nem tão micro assim) perpassam a rotina das mulheres no ambiente educacional desde que nos foi concedido, a duras penas, esse direito. Essas violências psicológicas, simbólicas, às vezes até físicas, fazem parte das memórias de praticamente todas as mulheres que atravessaram o ciclo educacional formal. Sendo que, aquelas que chegaram por último na *festa*, as mulheres racializadas, têm que lidar com as mais variadas modalidades de situações que traumatizam e marcam essas subjetividades para o resto da vida. A historiadora Beatriz Nascimento (2021, p. 44) traz alguns pontos sobre esses traumas coletivos:

Todas essas agressões não resolvidas, todo o recalque de uma história ainda não escrita, ainda não abordada realmente, fazem de nós uns recalcados, uns complexados. [...] Em 80 anos de uma abolição da qual pouco participamos, que não partiu do nosso amadurecimento político-ideológico como raça, nem como brasileiros, não podem estar resolvidas as nossas frustrações. A senzala ainda está presente. 80 anos em termos de história total são dias.

Poucas pessoas reconhecem jovens negras periféricas como mentes criativas e críticas. Saidiya Hartman (2022) nos chama a atenção para o fato de que elas não têm sido creditadas com nada, permanecem como mulheres excedentes sem nenhum significado, meninas consideradas impróprias para a história e destinadas a ser figuras menores.

⁷ Escola particular de Lagarto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das perspectivas de estudantes diagnosticados(as) com transtornos psiquiátricos e nas atividades de campo com a retomada profissional em 2024, pudemos traçar um panorama que contém vários elementos que se entrelaçam para que os ditos sofrimentos psíquicos, que efetivamente se mostram psicossociais, pudessem ser compreendidos como corporificados na experiência escolar.

No material da pesquisa, pudemos acessar relatos que demonstram a recorrência de uma idealização de performance a ser executada enquanto estudante e jovem. Diante dessas expectativas, a maioria dos(as) adolescentes afirma uma sensação de inadequação em vários âmbitos da vida, inclusive na escola, sendo mais intensa quando carregavam marcas *minoritárias* ou pertenciam às esferas mais vulneráveis da classe trabalhadora.

As conjunturas sociais que se instalaram na região durante a pandemia também foram elementos propulsores do aumento da procura de atendimentos relacionados a questões referentes ao campo da saúde mental. Vários problemas relatados são relacionados ao contexto de sobrevivência dos(as) estudantes e de suas famílias e, também, a opressões vividas a partir do pertencimento étnico, de gênero, de classe social ou sexualidades.

Nas rodas de conversa e nas entrevistas com estudantes, houve relatos sobre as atitudes e os valores de professores(as) durante o convívio com estudantes. Chamou-nos a atenção as sensações desses(as) jovens acerca de uma incompreensão por parte dos(as) docentes em relação aos marcadores sociais e de um assujeitamento a um pensamento meritocrático, que aparece nas falas como dominante nas práticas dos(as) servidores(as) do campus.

Entre os fatores do aumento da busca por cuidados referentes à saúde mental pudemos incluir, a partir das experiências relatadas, a popularização das informações acerca de transtornos psiquiátricos nas mídias sociais. O excesso de informações sobre saúde mental na internet, expostas de maneiras nem sempre confiáveis, finda por deixar os(as) estudantes ainda mais confusos. Esse fenômeno se intensificou durante a pandemia com a explosão de conteúdos sobre esses temas em diversas redes sociais. A conexão entre juventude, internet e escola atravessou intensamente os relatos, tanto como fonte de informações, quanto como

uma ferramenta utilizada muitas vezes para a prática de violências e importunações entre estudantes.

Muitos dos atendimentos a estudantes em situações de crise ou de intenso sofrimento psicossocial aconteceram a partir da preocupação de colegas, especialmente nos casos em que existia reincidência de automutilação ou ideação suicida. Redes de suporte se construíram dentro da escola e são fundamentais para que algum cuidado seja possível.

Os encontros que realizamos no decorrer das inserções no campo abriram espaço para que estudantes e egressos(as) pudessem pensar sobre o tema da saúde mental e questionar algumas práticas que, por vezes, não são refletidas. A força da lógica presente em processos de medicalização em todas as fases da vida se faz presente no aumento de estudantes procurando os serviços de acompanhamento com diagnósticos e utilizando psicofármacos prescritos desde a infância ou puberdade. Essa patologização da vida e da educação precisa do sofrimento psíquico presente na juventude contemporânea e, como afirmou Saggese (2021), a escola tem tido papel coadjuvante nessa produção.

Os diagnósticos e o uso de psicofármacos no meio estudantil não têm seus sentidos determinados *a priori*: ou como impedimento da possibilidade de futuro na vida de estudantes em eminente estado de vício ou como a única maneira possível de sobrevivência e tratamento. Afirmar essa indeterminação tornou-se posição fundamental neste trabalho e justificou a necessidade de criação de espaços para participação e discussão com os(as) estudantes sobre essas temáticas. Essas participações requerem quebra no trabalho cotidiano naturalizado e automático vencido pelo cansaço e pela alienação, criando fissuras nas cápsulas que tendem a encerrar os problemas e as soluções referentes aos psicofármacos e diagnósticos na vida desses(as) estudantes.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 2010.

BARÃO, Marcus. *et al.* Vozes das Juventudes. **Atlas das Juventudes** e talk, Abril, 2021. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/>. Acesso em: 6 jul. 2023.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas Rebeldes, Belos Experimentos**: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

HESS, Remi. **O momento do diário de pesquisa na educação**. Ambiente & Educação, v.14, 2009. p. 61-87. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1137>. Acesso em: 15 mai. 2023.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. (ela escreve em minúsculo né?)

KASTRUP, Virgínia.; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia.; TEDESCO, Silvia. (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 42-65.

MACHADO, Adriana Marcondes. **Quando a escrita toca a produção institucional**. São Paulo: Blucher, 2023. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/9786555501858-617/list#undefined>

MARTINS, Tafnes Varela.; LIMA, Tiago Jessé Souza. de; SANTOS, Walberto Silva. O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras. **Ciência & Saúde coletiva**, v. 25, n. 7, p. 2793-2802, jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.29182018>. Acesso em: 12 fev. 2024.

MENDES, Raquel de Oliveira. **O “Combo” da Trajetória da Formação Escolar no IFS: o acesso, a permanência e o êxito dos estudantes negros cotistas no ensino médio integrado do campus Aracaju**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional de Educação Profissional e Tecnológica) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sergipe, Aracaju, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ifs.edu.br/biblioteca/handle/123456789/1031>. Acesso em: 12 de fev. de 2024.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Organizador: Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021

NOBRE, Márcio Rimet., LIMA, Nádia Laguárdia de, GRILLO, Cristiane de Freitas Cunha, ALZAMORA, Geane Carvalho, NEVES, Maralice de Souza, ANDRADE, Luciana, & TÁRCIA, Lorena. Que Escola Pós-Pandemia? **Educação em Revista**, v. 40, p. e45242, 2024. disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/RKw5pwYSvtJ5nJNkhsjn5DK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2022.

OLIVEIRA, Richard de.; MACHADO, Adriana Marcondes. Entrevista como Experiência, Loucura como Método: Composição de uma Ética do Encontro. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Vol. 02, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/61049>. Acesso em: 20 ago. 2022.

PASSOS, Eduardo. Psicologia, pesquisa cartográfica e transversalidade. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre, v. 9, n. spe, p. 128-139, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2019000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 ago. 2022.

PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia.; TEDESCO, Silvia. (orgs). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PRADO, Eliane Antunes Marinho do.; FELIPPE, Jonis Manhães Sales. Sofrimento psíquico, educação escolar e juventude: reflexões sobre o contexto atual. **Revista Tempos E Espaços Em Educação**, v. 16, n. 35, p. e18240, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v16i35.18240>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SAGGESE, Edson. Uma Juventude à Flor da Pele: o dilema de adolecer ou adoecer. **Educ. Real**. [online]. 2021, vol.46, n.1, e109166. Epub 08-Jun-2021. ISSN 2175-6236. <https://doi.org/10.1590/2175-6236109166>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SANTOS, Jomábia Cristina Gonçalves dos; CAVALCANTE, Dimas Sampaio; VIEIRA, Camilla Araújo Lopes; QUINDERÉ, Paulo Henrique Dias. Medicalização do sofrimento psíquico na Atenção Primária à Saúde em um município do interior do Ceará. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 33, p. e33010, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/D7jSK6Vsnfhrk47GjQv9x/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TSUNEMATSU, Josiane de Paula Jorge; PANTONI, Rodrigo Palucci; VERSUTI, Fabiana Maris. Saúde mental discente na educação profissional e tecnológica: experiências de estudantes e docentes dos cursos técnicos integrados. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 70-90, 2021. DOI: 10.36524/profept.v5i2.753. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/753>. Acesso em: 17 jul. 2023.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).